

AS RELAÇÕES ENTRE MUSEU E COMUNIDADE- O ESTUDO DE CASO DO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA

SHEILA BÁRBARA PADILHA FLEMING¹; NÓRIS MARA PACHECO MARTINS LEAL²

¹Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Museologia: –fleming.sheila@hotmail.com1

²Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com2

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretendeu entender o processo de formação do Circuito de Museus Étnicos da região de Pelotas, e em específico analisar a relação estabelecida entre museu e comunidade, tomando como estudo de caso o Museu da Colônia Francesa, bem como, apresentou-se o trabalho dos professores e alunos do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas no processo de gestão deste museu, além de ressaltar sua importância nesse processo.

2. METODOLOGIA

Para a construção do trabalho foram realizadas entrevistas estruturadas com indivíduos da comunidade local, e os professores coordenadores do projeto, bem como, um questionário aplicado aos alunos e ex-alunos do curso de Bacharelado em Museologia que foram extensionistas do projeto.

A escolha da história oral se dá pelo fato de acreditar ser adequado para esta investigação, já que tratando-se de relação entre indivíduos, pois quando se trata de pessoas, e suas relações com seu meio, entra em cena a memória, seja ela individual ou coletiva, é de suma importância o seu registro, de forma a tornar-se documento, e neste caso, esse método cumpre bem este papel. Também é uma atividade social, pois cada indivíduo possui uma história de vida e por mais insignificante que pra ele pareça ser, sempre vai ser importante dentro de um contexto histórico social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise do material entendeu-se que esta relação passou por três fases distintas, sendo elas: a da harmonia, a de ruptura e a de aceitação.

A primeira definiu-se na fase inicial, de criação do museu, sendo este um período de grande harmonia, em que existiu um grande entusiasmo por parte da comunidade em ter um museu que contasse a história da colonização francesa, visando também um desenvolvimento local que movimentasse a economia da região.

O segundo momento caracteriza-se pelo afastamento da comunidade, por esta apresentar interpretações subjetivas no que diz respeito a questões de identidade e representações. O prédio e o nome do museu apareceram constantemente nos relatos como barreiras para que a comunidade não se aproximasse do mesmo. Percebemos que, até mesmo dentro de pequenas comunidades, como a que foi analisada, surgem discrepâncias e também existe micro comunidades, ou seja, alguns indivíduos se sentem excluídos do museu por

acreditarem que este pertence somente a um núcleo familiar ou então que o prédio se destina apenas às atividades de cunho religioso desconhecendo ou ignorando o fato de que espaço pode ser para múltiplos usos. De uma forma geral, influenciados por lideranças locais, até mesmo aqueles que antes eram a favor do museu, nesse momento se colocam contrários. Surge então, o momento de ruptura que levanta um questionamento pertinente para que possamos entender essa relação, “quais ações devem ser desenvolvidas para que o museu se aproxime da comunidade?”

Os membros da comunidade sugerem algumas iniciativas para esta aproximação, como promover encontros, palestras, reuniões, acreditando assim, que a equipe que o coordena precisa perceber o que a comunidade espera e gosta, criando meios de trazer esta para dentro do museu.

Entretanto, essa questão é respondida no último item deste trabalho, que é a terceira fase, quando nas entrevistas e questionários são perguntadas questões referentes ao projeto de extensão estabelecido no museu desde o ano de 2010. Professores, membros da comunidade e alunos participantes do projeto, na condição de extensionistas que responderam aos questionamentos, cujas respostas, em grande maioria, são satisfatórias para compreender as ações que estão sendo realizadas pelo museu e sua importância para estreitar essa relação entre o museu e sua comunidade.

4. CONCLUSÕES

Concluiu-se que é fundamental acreditar nestes dois atores, que se envolvem e são envolvidos pelo Museu da Colônia Francesa, tendo o primeiro a busca da experiência prática correlacionando à teoria acadêmica e o segundo a transformação social na perspectiva da socialização do conhecimento para além dos muros escolares, integrando-se assim, museu, conhecimento e comunidade. Evidenciando o papel destes dois agentes na consolidação do museu e estabelecendo assim, a relação com a comunidade em que está inserido, cumprindo sua função social e perpetuando-se ao longo da história na preservação cultural e histórica de sua comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAFÉ, D.C. **Patrimônio, identidade e memória**: proposta para criação do museu do território de Alcanena. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007.

CANDAU, J.; MAZZUCCHI, M.L.F (trad.). **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERQUEIRA, F. V.; PEIXOTO, L. S.; GEHRKE, C.; FORNO, R. Dal. Diversidade narrativa das memórias de ítalo-descendentes no Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Pelotas, RS. In: **Seminário Internacional em Memória e Patrimônio**, 4, Pelotas: UFPel, 2011.

CHAGAS, M. de S. **Imaginação Museal** – museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freire e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, M. de S. **Memória e poder**: dois movimentos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2000.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, maio- 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 7.ed.

JEZINE, E. A extensão Universitária como uma prática social. **Revista temas em Educação**, v.15 p.118-125, 2006.

MACHADO, C.J.B. **Comida e simbolismo e identidade**: um olhar sobre a constituição da italianidade das colônias Maciel e São Manuel. Trabalho de Conclusão de Curso, UFPel. Pelotas, 2011.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil – nação. Petrópolis: Vozes, 2006. 2.ed.

PRIMO, J. Pensar Contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de museologia**, n. 16, 1999.

PRIMO, J. A importância do Museus locais em Portugal. **Cadernos de Museologia**, n. 25, 2006.

SALAMONI, G. (org). Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Universitária, 1995 In: BORK, L. Aspectos histórico-culturais da emigração pomerana. **Congresso Internacional de história Regional**, 2, 2003.

SANTOS, M.C.T.M. Reflexões museológicas: caminhos de vida. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, 2002.

SCHWARCZ, L.K.M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: o museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, B.; VIDAL, D.G.(orgs.) **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Fino Trato, 2005

SEYFERTH, G. As identidades dos imigrante e o Melting Pot Nacional. **Revista Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

VARINE, H. de. Repensando o conceito de Museu. IN: GJESTRUM, J. A.; MAURE, M. **Okosmuseumsboka**, Comitê Nac. do ICOM para Noruega, 1988. p. 33-40.

PRIOSTI, O. M; VARINE, H. O novo museu das gentes brasileiras: Criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários **Cadernos de Museologia**, n. 28, 2007

VARINE; HORTA, M.L.P. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.



WEBER, R. Estudos Étnicos e historiografia. In: Simpósio **Nacional de História – ANPUH**, 22, João Pessoa: UFP, 2003.